As práticas e linguagens da cultura digital na educação: uso do Moodle e letramento midiático de professores de uma universidade pública

Marina Lemos Carcereri Mano UFSC marinalcmano@gmail.com

Dulce Márcia Cruz UFSC dulce.marcia@gmail.com

Resumo

A questão principal do projeto é verificar o uso das mídias digitais e do Moodle no ensino presencial em uma universidade pública. A metodologia é baseada em análise das páginas das turmas virtuais e em entrevistas com professores da universidade. Os resultados mostraram que a maioria dos docentes considera positivo o uso do software, contudo também o consideram de difícil aprendizagem. Um ponto levantado é a utilização da plataforma, todavia como repositório: basicamente arquivos, fórum de notícias, presença e entrega de tarefas. A conclusão aponta para a necessidade de ampliar o letramento midiático dos professores, colocando o foco nas possibilidades didáticas dos recursos visando a prática imediata das linguagens, através da disponibilidade de uma equipe para orientações personalizadas.

Palavras-chave: letramento midiático, moodle, ambiente virtual, formação docente, mídias digitais.

Abstract

The project's main issue is to check the use of digital media and Moodle in the classroom teaching in a public university. The methodology is based on analysis of the pages of virtual classes and interviews with university teachers. The results showed that most teachers positive considering the use of the software, but also consider the difficult learning. A point raised is the use of the platform, but as a repository: basically files , news forum , presence and delivery tasks . The finding points to the need to increase the media literacy of teachers, placing the focus on educational opportunities for resource targeting the immediate practice of languages, through the availability of a team to custom guidelines.

Keywords: media literacy, moodle, virtual environment, teacher training, digital media.

Introdução

Pesquisas mostram que nos últimos anos vem mudando o perfil midiático dos professores da educação básica brasileira. Dados da última Pesquisa sobre o Uso das Tecnologias de Informação e Comunicação nas Escolas Brasileiras, TIC Educação 2014, por exemplo, realizada pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br) (Fonte: <http://cetic.br/pesquisa/educacao/>) mostram que o esforço de informatização governamental citado acima pode já mostrar resultados de inclusão, mesmo que não no ritmo da rapidez das mudanças tecnológicas.

Pelos dados da pesquisa, o computador já foi adotado pelos professores tanto na preparação das aulas como no momento de sua execução. No planejamento é usado para buscar conteúdos para os planos de aula, livros e trabalhos. Na realização de tarefas administrativa foi adotado por praticamente todos os professores. No espaço da sala de aula, os dados mostram que mais da metade dos professores utiliza o computador e a internet para ensinar os alunos a como usá-los, para fazer pesquisa, como apoio

individualizado para as aulas expositivas e para as que incluem jogos. Além disso, 91% dos docentes utilizam o computador em sala de aula para pesquisar/usar imagens ou vídeos e exibir conteúdos diretamente da internet (76%). Os recursos vindos da internet mais populares entre os professores são as imagens ilustrativas, as questões de prova, textos, vídeos e/ou filmes, videoaulas e menos da metade utiliza jogos.

Apesar da maioria dos professores utilizar algum recurso midiático, mais da metade aprende a usar o computador e a internet por conta própria ou com auxílio dos colegas, enquanto que em um grau pouco menor procura cursos e busca especialistas na área da informática para ajudar em sua formação. É possível afirmar que há uma busca dos professores por seus pares, ou por auto aprendizagem quando relacionado a questões de letramento midiático.

Esses dados indicam que há um processo de apropriação das mídias, que pode ser entendido como letramento midiático, por parte dos professores da educação básica. O quadro a seguir ilustra as mudanças que ocorreram nas práticas sociais dos professores:

Práticas dos professores com o uso das mídias

O que mudou nas práticas com uso de mídias	(%)
Passou a ter acesso a materiais mais diversificados/de melhor qualidade	94
Passou a adotar novos métodos de ensino	89
Cumprir as tarefas administrativas com mais facilidade	86
Passou a colaborar mais com outros colegas da escola onde leciona	83
Se comunica com os alunos com maior facilidade	78
Passou a fazer avaliações mais individualizadas dos alunos	73
Passou a ter contato com professores e especialistas de outras escolas	69
Acredita que a quantidade de trabalho aumentou	54

Quadro 1. Fonte: Adaptado de CETIC BR 2014. Disponível em <http://cetic.br/pesquisa/educação/>

Esses dados coincidem com os estudos que mostram que, desde o final do século XX, segundo Canclini (2008), emergem na cultura digital outros modos de receber, consumir, criar e produzir mensagens. Para ele, nessa multiplicidade de linguagens (visual, verbal, sonora, icônica, etc.), a cultura digital provoca mudanças nos modos do sujeito interagir como leitor, espectador e internauta, como consumidor, criador e produtor, fazendo uso de diferentes suportes, aplicativos e mensagens, potencializando as diversas linguagens e os processos cognitivos para realização de tarefas e soluções de problemas em ambientes digitais.

Essa diversidade de práticas e usos sociais que envolvem leitura e escrita de gêneros não apenas textuais, mas multimodais, pode ser entendida como letramentos. Para Lemke (2010), os letramentos são sempre sociais, fruto da nossa participação nas relações em sociedade com significados historicamente desenvolvidos. O desenvolvimento dessas habilidades se divide em níveis e graus de letramentos num continuum crescente de complexidades linguísticas, sendo letrado aquele que não apenas domina esses conjuntos, mas sabe como entrelaçá-los e deles se apropriar (BUZATO, 2009). Quanto maior a quantidade de esferas de atividade ou eventos de letramentos em que participa, maior é o seu repertório de gêneros e, consequentemente,

maior o seu grau de letramento ou o seu conjunto de letramentos. Por essa razão, não é possível ser letrado de forma absoluta, mas quanto maior o envolvimento como autor, maior a capacidade de aprendizagem e expressão nos diferentes gêneros digitais. Dessa maneira, para lidar com os novos textos (hipertextuais, multimídia) são necessários novos métodos não apenas de análise centrada no receptor crítico como na tradição dos estudos da mídia-educação, mas em criar condições para que se desenvolva o produtor/autor/distribuidor, com acesso, conhecimento e capacidade de se expressar através das mídias.

A formação dos docentes para as mídias digitais, que aqui chamaremos de letramento midiático, torna-se mais urgente para que também possam educar seus alunos, jovens que cresceram no ambiente dessas novas lógicas culturais e tecnológicas, mas que não se veem representados na cultura escolar e não conseguem construir os elos para que seu conhecimento seja aproveitado no processo de aprendizagem. O letramento midiático seria um processo de síntese continuada e de aprendizagem constante (dado o processo tecnológico de inovação) das possibilidades das mídias digitais, incluindo as várias mídias e seus gêneros (numa relação de reciprocidade) em práticas sociais e enunciativas que poderiam ser vividas em diferentes graus de conhecimento e, pelo menos em tese, sem um fim definido (CRUZ, 2013).

No entanto, dados sobre como esse processo de letramento vem ocorrendo no ensino superior apesar de estarem sendo amplamente produzidos ainda são esparsos. Por essa razão, falta entender como essa apropriação das mídias, vem se dando nas universidades.

Um dos aspectos aparentes da cultura digital na universidade vem se dando nos últimos anos pelo uso cada vez mais intensivo das mídias digitais no ensino presencial que amplia os tempos e espaços da sala de aula, incluindo momentos virtuais ou a distância em sua execução. Esta nova modalidade vem sendo chamada de ensino híbrido, bimodal (MORAN, 2004), blended learning, virtual, on-line (SANTOS; SILVA, 2009; BRUNO et al, 2011) ou simplesmente de semipresencial. Como desde o final da década de 1990, muitas instituições de ensino superior (IES) brasileiras começaram a utilizar a internet e os ambientes virtuais de ensino e aprendizagem (AVEA) nos seus cursos de graduação presenciais, houve um movimento entre os agentes envolvidos que levou a uma regulamentação dessas ações. Dentre os AVEA mais populares no país, o Moodle, uma multiplataforma que permite a criação de comunidades e de cursos "on-line", bem como páginas de disciplinas, grupos de trabalho e comunidades de aprendizagem, foi adotado como sistema de gerenciamento das atividades dos cursos a distância da Universidade Aberta do Brasil, desde seu início.

No caso específico da Universidade Federal de Santa Catarina, que será discutido neste artigo, o uso do Moodle na EAD também levou a sua adoção no ensino presencial. Dados da Superintendência de Governança Eletrônica e Tecnologia da Informação e Comunicação (SeTIC/UFSC) na pesquisa feita por Mariani (2010), mostram que, desde a abertura do Moodle para uso no ensino presencial em 2009/1, muitos docentes da UFSC já começavam a adotar a plataforma em suas aulas. As condições para isso estavam na integração do Moodle aos sistemas de controle acadêmico da universidade, uma extensão do que já estava sendo feito para os cursos a distância ministrados pela UFSC dentro do consórcio da Universidade Aberta do Brasil (UAB). Nessa integração, foram cadastrados todos os professores, estudantes e turmas da graduação, pós-graduação e o Colégio Aplicação. Com isso, a partir da matrícula, todas as disciplinas passaram a estarem disponíveis no Moodle, as provas podiam ser feitas on-line e o sistema integrado de notas permitia que elas fossem publicadas diretamente no ambiente virtual no final do semestre (MARIANI, 2010).

Essas condições permitiram que os docentes começassem a utilizar o Moodle nas disciplinas regulares. Dados de Mariani (2010) apontavam que, apesar de serem minoria no total da universidade, o crescimento de disciplinas abertas no Moodle estava sendo rápido. De um total de 4091 turmas registradas no Sistema de Controle Acadêmico da Graduação (CAGR), eram 483 abertas no Moodle no primeiro semestre de 2009, quando foi integrado ao presencial, subindo para 2.055 ou quase metade das turmas totais em 2010-2.

Uma hipótese explicativa para essa ampliação do uso do Moodle no presencial podia estar acontecendo por uma “contaminação” pela EaD, já que na UAB os professores eram convidados para uma formação para o ambiente visando uma maior efetividade nos cursos a distância. Além desse impulso dado pela EaD, o crescimento do uso da plataforma no ensino presencial poderia estar acontecendo também porque, a disponibilidade de acesso técnico ao Moodle (com a integração de matrículas e cadastro de turmas no sistema de graduação presencial), veio acompanhada de formação docente para o AVEA. Essa oferta, uma iniciativa da Pró-reitoria de Graduação da UFSC se deu através do PROFOR, o Programa de Formação Continuada para Professores da UFSC, criado na universidade em 2002 e voltado principalmente para os docentes em estágio probatório.

A partir deste cenário, os dados mostravam que havia um aumento do uso, mas não permitiam afirmar “como” o Moodle estava sendo adotado. Algumas questões levantadas naquele momento passaram a guiar o projeto de pesquisa: o uso do Moodle era um movimento dos professores de incluir atividades a distância mescladas com as aulas presenciais? Eles o aproveitavam apenas como um repositório de materiais didáticos sem alteração nas dinâmicas do presencial? Ou era um espaço de experimentação de novos modos de ensinar e aprender através das ferramentas da cibercultura? Finalmente, o uso do AVEA vinha acompanhado de novas práticas pedagógicas com a inclusão da produção midiática por parte dos docentes?

As disciplinas semipresenciais na UFSC estão incluídas dentro das normas da universidade, na RESOLUÇÃO 002/CUn/2007, de 02 de março de 2007. No entanto, essa regulamentação não está formalizada dentro dos cursos e nem existe uma estrutura de apoio nem qualificação para os professores trabalharem nessa modalidade. Da mesma maneira, não é possível afirmar o quanto o uso do Moodle significa que estejam sendo oferecidas disciplinas semipresenciais por parte dos professores da UFSC. Isso porque, em termos legais, como rege a Portaria 4.059 essas disciplinas precisariam ser registradas dentro da Universidade, o que ainda não acontece.

Além disso, mesmo que usem o Moodle para realizar “a mediação de recursos didáticos organizados em diferentes suportes de informação que utilizem tecnologias de comunicação remota” como define a Portaria, não se pode afirmar (sem investigar seus conteúdos virtuais) se são semipresenciais e se são constituídas por “atividades didáticas, módulos ou unidades de ensino-aprendizagem centrados na auto-aprendizagem”, como estabelecem os termos do parágrafo 1º do Artigo 1º da 4.059.

Uma das hipóteses dessa pesquisa é que um estudo feito “dentro” das disciplinas iria mostrar o quanto essas atividades didáticas postadas pelos professores no Moodle estão programadas para substituir o tempo presencial, para criar novos modos de disponibilizar conteúdos ou utilizar os meios de comunicação extra-classe sem que haja uma substituição da sala tradicional. Essas eram algumas das possibilidades no sentido dado por Moran (2004) quando afirmava que a virtualização da sala de aula estava borrando as fronteiras entre a EAD e o ensino presencial e que essa era uma tendência que se difundia no ensino superior.

Neste sentido, a justificativa principal para a realização da pesquisa era que a adoção do Moodle traria desafios para a universidade ao implicar num processo de inovação não só com potencial para modificar rotinas, práticas e estruturas que não tinham criadas para abrigar as características e demandas da modalidade semipresencial, mas, principalmente, a cultura docente do ensino presencial.

A partir dessa problemática, esta pesquisa foi realizada com bolsa de Iniciação Científica (CNPq) vinculada ao projeto de pesquisa aprovado com Bolsa produtividade com o título de “O professor midiático no ensino superior: inovação, linguagens e formação (práticas e reflexões)” que foi desenvolvido na UFSC entre 2012/2015 e que teve como objetivo principal investigar como os professores da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) estavam se apropriando e ao mesmo tempo percebendo as mudanças que ocorriam nas suas práticas pedagógicas a partir do uso das mídias digitais e da plataforma educacional via internet, o Moodle, no ensino presencial.

b) Material e Métodos

Para alcançar os objetivos, realizamos uma pesquisa qualitativa de entrevista semiestruturada com onze professores da Universidade Federal de Santa Catarina convidados por terem participado de cursos de formação para as mídias na UFSC no período de 2013 a 2014.

A maioria das entrevistas foi realizada pessoalmente, porém devido ao escasso tempo para a coleta de dados e análises de resultados, duas entrevistas foram feitas via questionário enviados e respondidos por e-mail. Os questionários possuíam perguntas semelhantes às das entrevistas realizadas, porém de forma adaptada para uma resposta por escrito. Por fim, houve ainda uma entrevista feita por Skype, pois o professor residia em outra cidade, no campus de Araranguá.

As perguntas foram elaboradas com o objetivo de saber as opiniões dos professores sobre o Moodle, se tinham dificuldades de uso, como utilizavam o ambiente e as ferramentas disponibilizadas pelo AVEA em suas aulas presenciais. Todas as entrevistas foram transcritas literalmente e tomando como base a pergunta norteadora do trabalho.

Alguns trechos serão utilizados para ilustrar os resultados, sendo que os professores serão identificados por uma numeração para que não seja possível identificá-los.

c) Resultados e Discussão

A pesquisa mostrou que todos os professores participantes utilizavam o Moodle em aulas presenciais, sendo que três já o utilizaram em disciplinas na EAD e uma professora havia sido tutora no curso de Biologia da UAB. Apenas uma não constatou mudanças após utilizar o Moodle, os demais relataram enriquecimento em suas aulas presenciais.

De acordo com os dados levantados, os itens usados e citados pelos professores entrevistados foram: calendário, enquete, envio de arquivos, fórum de discussão, fórum de notícias, fórum geral, fórum de perguntas e respostas, flash vídeo, laboratório virtual, nota, pasta, presença, questionário, prova online, tarefa e URL, além de envio de mensagens que quatro docentes afirmaram utilizar como meio de comunicação. Destes, os mais citados foram: arquivo (9), fórum de notícias (7), presença (7) e tarefa (7), como mostra o gráfico 1.

Analisando os resultados das entrevistas percebemos que a maioria dos professores considera que sabe o mínimo para navegar no Moodle. Porém é possível verificar que o mesmo aparece como um substituto do xerox, sendo usado pela maioria como um repositório de materiais digitalizados, como podemos averiguar nos comentários do professor P18: “eu planejo aulas presenciais que contam com o Moodle como apoio paralelo, geralmente as minhas aulas tem um material depois desse trabalho, então eu disponibilizo lá, o material pra leitura, os slides [...]”.

Uma das ferramentas mais flexíveis do Moodle são os fóruns. Eles são recursos que possuem diversas funcionalidades, podendo ser usados como meio de discussão (fórum de discussão simples), para responder eventuais perguntas dos alunos (fórum de perguntas e respostas), para enviar avisos (fórum de notificações), ou para enviar arquivos e postagens (fórum geral). Dos entrevistados, três afirmam utilizar o fórum geral, cinco o fórum de discussão simples, enquanto que sete utilizam o fórum de notícias. Este último, que substituiu a ferramenta mural, não permite que os alunos publiquem no seu espaço, e é utilizado como meio unidirecional de conversa professor-aluno, sem haver trocas ou discussões presentes. Conforme mostra P17 “o fórum que é o meu canal de comunicação com eles [...] avisos na realidade” e para P18: “o fórum de notícias, porque se eventualmente a gente vai trabalhar alguma atividade de produção em sala, é preciso que eles tragam os textos lidos, então esse tipo de aviso a depender do que eu planejo, eu dou pelo fórum de notícias”. Também observamos em alguns relatos de professores (27%) uma utilização do fórum de discussão para tirar dúvidas entre os alunos, como é o caso de P10: “nos trabalhos finais das disciplinas eles tem que fazer um artigo, então eu uso o fórum mais para discussão desses artigos, para eles postarem dúvidas, pra postarem informações do que eles estão fazendo”.

Gráfico 1. Fonte: Dados da pesquisa, 2015.

Através das entrevistas constatamos que todos os professores encontram no Moodle algum meio que os ajuda nas aulas presenciais, seja na comunicação com os alunos ou para envio de tarefas. As principais vantagens do Moodle segundo as respostas, professores se referem a organização que o ambiente oferece, a segurança no envio e recebimento de arquivos, fazendo com que as mensagens não se percam no caminho, o que facilita na comunicação com os alunos. Outras vantagens também citadas foram a possibilidade de reciclar os materiais já utilizados em outros semestres, conseguir acoplar o mesmo material em disciplinas diferentes e sobre o tempo economizado em correção e organização da disciplina.

Apenas um professor não apontou desvantagens do ambiente, os demais relataram algumas, tais como, por exemplo, as atualizações serem frequentes, o que

dificulta o aprendizado; o ambiente ser pouco interativo; quando um aluno não possuir computador pode ser prejudicado e que o Moodle gera uma demanda maior aos professores, sendo que agora eles precisam postar os materiais e exercícios no ambiente enquanto antes era apenas fazer as aulas expositivas. A queixa predominante (45%) se refere à usabilidade do software, que, segundo os professores, ainda é de difícil aprendizagem. A fala de P3 explica resumidamente a opinião dos demais professores:

“O software em si ele tem uma usabilidade ruim, quem desenvolveu pensou em muitas coisas, talvez em teorias didáticos pedagógicos, mas não pensou o sistema uma coisa fácil de usar, ele não é intuitivo, a maneira como você trabalha com ele não é uma forma clara e reta de se raciocinar, muita coisa muda radicalmente de uma versão para a outra, também é uma coisa ruim”.

Entre as desvantagens, um dos entrevistados relatou a falta de preparo para se utilizar o Moodle, o que talvez seja um indício de que os cursos fornecidos pelo Programa de Formação Docente da UFSC, o PROFOR, não sejam suficientes para as necessidades de aprendizagem docente. Vale ressaltar que oito dos professores entrevistados participaram recentemente de oficinas fornecidas pelo PROFOR. P18 foi uma das participantes e relata que apesar de ter estudado diversas ferramentas além do Moodle, não será possível utilizar muitas delas em sua disciplina: “ter a possibilidade de gravar um vídeo, fazer uma vídeo-aula, é uma coisa que está muito distante da minha realidade cotidiana, então talvez o que me servisse melhor, seria um curso voltado objetivamente pro Moodle que eu ainda não fiz.”.

Contudo, apesar dos pontos negativos e o uso do ambiente em sua maior parte como repositório de materiais, os professores se mostram entusiasmados com o software e alguns comentam que utilizam o fórum, por exemplo, de uma maneira interativa com seus alunos, além de utilizarem diversos recursos midiáticos externos ao Moodle (como o Youtube) como forma de complementar seu trabalho. Outros professores também utilizam o fórum dessa maneira, como é o caso de P10 e P13, que pedem para os alunos compartilharem suas dúvidas através do fórum como um meio de se ajudarem. Podemos perceber que apesar de serem poucos os professores que utilizam o Moodle como forma de interação e produção com os alunos, esse movimento está crescendo e se tornando comum para alguns.

Quando questionados sobre como conseguiam ajuda ou o que faziam quando possuíam alguma dúvida em relação ao ambiente virtual a expressiva maioria dos professores relatou que são através de conversas entre pares, seja para pedir alguma informação sobre o Moodle ou para oferecer ajuda. No entanto, segundo as entrevistas, este processo de conversas ocorre com maior frequência quando o professor inicia o uso do Moodle. Outros, por outro lado, buscam ajuda através do “Apoio ao Moodle”, se referindo ao Suporte ao Usuário da Superintendência de Governança Eletrônica e Tecnologia da Informação e Comunicação (SETIC) e também através dos manuais disponíveis online. Também foi relatado por uma parte dos professores (36%) que o software é autoexplicativo, ainda assim, estes mesmos professores afirmaram que em contrapartida, não possuem muito tempo para aprender a usá-lo, o que dificulta no aprendizado.

Além das dificuldades que os professores enfrentam ao aprender a usar o Moodle, foi relatado por três professores a dificuldade vinda de alguns alunos, pois muitas vezes não sabem mexer no software. A professora P12 relata que os professores

do departamento de Letras Libras costumam dar aulas em outros cursos e que encontram alunos que nunca tiveram contato com o Moodle, o que causa, geralmente, reclamações dos alunos com os professores por utilizarem o Moodle:

“Eu já trabalhei na Matemática, na Física, trabalhei em muitos cursos e tem muitos cursos que não utilizam o Moodle,[...] muitos alunos veteranos de mais idade não sabiam nem o que era o Moodle, por exemplo, os professores de Libras na UFSC eles recebem reclamação dos alunos, porque os alunos não sabem mexer no Moodle”.

Uma hipótese a ser levantada é que quanto mais os professores utilizarem o Moodle, mais os alunos ficarão familiarizados com o ambiente, fazendo com que não ocorra esse estranhamento e em alguns casos, reclamações, por parte dos alunos quanto ao ambiente. Em muitos departamentos, como os de Letras Libras e de Informática e Estatística, ou em alguns campi como o de Araranguá, os alunos já estão acostumados a utilizarem o Moodle, graças à frequência com que este é utilizado. Conforme declara P11: “eu diria assim, que os alunos do campus de Araranguá, se eles fossem pra outros cursos da UFSC que não usassem o Moodle eles iriam cobrar, porque é algo que se tá intrínseco já no dia a dia acadêmico dos alunos e dos professores.”.

Neste sentido, uma questão a ser verificada em futuras pesquisas é a opinião dos alunos quanto ao Moodle. Quantos alunos sabem da existência do ambiente? Quantos sabem como navegar na página? Será que os alunos estão satisfeitos com o software, ou possuem as mesmas dificuldades dos professores?

Para encerrar o tópico das entrevistas, a última pergunta abordava sobre o que os professores já escreveram referente ao Moodle. O resultado das entrevistas mostrou que dez professores nunca escreveram algo relacionado à suas experiências no Moodle. Apenas uma professora disse que escreveu um artigo sobre uma ferramenta que disponibilizou no ambiente, porém o Moodle entrava como apoio a ferramenta e não como tema central do relatório. Este resultado parece mostrar que os professores por um lado não refletem sobre o uso do Moodle de forma sistemática, mas também, por outro, que a temática da didática e do processo pedagógico não faz parte de seus interesses acadêmicos como pesquisadores ou autores.

d) Conclusão

Os dados da pesquisa em comparação à que foi realizada no CETIC confirmam que uma grande parte dos professores universitários da nossa amostra utiliza recursos da internet quando preparam suas aulas, assim como o computador como apoio individualizado. Os resultados das entrevistas também apontam que de modo geral os professores se sentem satisfeitos em utilizar o AVEA, alegando como principais vantagens a comunicação imediata entre professor-aluno, garantindo o envio e recebimento de mensagem e arquivos; a possibilidade de reutilizar os materiais dos semestres passados, fazendo com que estes economizem tempo de preparação das aulas; a possibilidade de conseguir monitorar os acessos dos alunos nas páginas da disciplina, sendo esta uma alternativa para quando tem dúvidas referentes às notas e recuperações, e por fim, a organização que o ambiente oferece tanto para aluno como para o professor. Como desvantagens, os professores apontam a dificuldade no início em utilizar o Moodle, uma vez que o software é considerado pouco intuitivo e que as atualizações frequentes prejudicam a usabilidade pois quando o professor está começando a se

familiarizar com a ferramenta, a atualização acaba confundindo ou dificultando o aprendizado.

Os professores também demonstraram grande interesse na oferta de mais oficinas sobre o Moodle por parte do PROFOR e que, preferencialmente, fossem específicas para o uso do ambiente, como por exemplo, um curso básico. Segundo os dados das entrevistas, os cursos do PROFOR não são suficientes para um aprendizado completo do ambiente e do uso de mídias na educação, contudo são um convite para se aventurar neste novo método de ensino. Os professores que no começo sentiam dificuldades em utilizar o Moodle, porém após um tempo de uso, mostraram estar satisfeitos com a mudança para o AVEA. Outro ponto levantado pela pesquisa no CETIC que também pode ser observado através das entrevistas é sobre a troca de informações entre os professores como uma forma de aprender a utilizar o Moodle. Estes últimos dados demonstram que aos poucos o ambiente se torna cada vez mais comum entre o corpo docente.

Podemos concluir que o letramento se faz presente quando o docente utiliza a plataforma para ser trabalhada nas aulas e também quando aparecem as dificuldades e as soluções em utilizá-la. Através de propostas para realização de exercícios via Moodle, quando são repassados os materiais de um semestre ao outro e principalmente pelas ferramentas utilizadas por cada professor, vimos que a cada novidade aprendida e utilizada em suas práticas, os docentes acrescentam em seu repertório uma nova aprendizagem sobre a plataforma e sobre as mídias em sua totalidade. Quando surge uma dúvida sobre o funcionamento da plataforma o letramento é mais visível, pois os professores precisam resolver esta dificuldade, seja através da leitura de manuais, ou com a ajuda dos pares, pois precisam aprender a utilizar a ferramenta para conseguir trabalhar com os alunos. Outro exemplo de uma possível, porém não tão aproveitada, forma de letramento midiático vem se dando por meio dos cursos de formação, seja para o Moodle, para a EAD ou para aprender a utilizar as mídias com uma função pedagógica. Um ponto importante a ser destacado é a ampliação dos letramentos por parte dos alunos quando começam a aprender a usar uma mídia que permite tanto a comunicação com o professor e com os colegas como também a possibilidade de produção no ambiente virtual, criando a necessidade de aprender a utilizar a plataforma e complementá-la com outros recursos midiáticos, como, por exemplo, a postagem de vídeos feitos no Youtube.

A partir dos dados analisados, podemos afirmar que o Moodle ainda está sendo usado como repositório para a maioria dos docentes, porém isso ainda é um reflexo do estilo de aula dos professores universitários baseado em aulas expositivas, o que acaba levando a um uso do ambiente virtual também pouco interativo. Contudo, a pesquisa também demonstrou que uma singela parte dos professores tenta, aos poucos, utilizar o ambiente como meio de interação com os alunos, através de discussões via fórum e postagem de atividades que podem ser comentadas com os demais, vídeos no Youtube produzidos por alunos e debates realizados através da plataforma são exemplos de como utilizar o ambiente indo além de repositório de materiais.

e) Agradecimentos

Agradecemos ao CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) pelo apoio financeiro mediante uma Bolsa PIBIC e uma Bolsa Produtividade para esta Pesquisa.

f) Referências bibliográficas

BRUNO, A. R. SCHUCHTER, L. H., MATTOS, A. C. G., CUNHA, L. A., SCHRODER, P. A constituição de redes de aprendizagem na Educação online: espaços de pesquisa na cibercultura. *Revista Educação, contemporaneidade, Educação e tecnologia*, v. 1, p. 98-109, 2011.

BUZATO, M. E. K. Letramento, novas tecnologias e a Teoria Ator-Rede: um convite à pesquisa. *Revista Remate de Males*, Campinas, v.29, p.71-87, 2009. Disponível em: <http://www.iel.unicamp.br/ojs-234/index.php/remate/article/view/1066/851> Acesso 19 ago 2014

CANCLINI, N. G. *Leitores, espectadores e internautas*. São Paulo: Iluminuras, 2008.

CETIC BR. Centro de Estudos sobre Tecnologias da Informação e da Comunicação do Comitê Gestor da Internet Brasil TIC Domicílios e Usuários 2011, 2013. Pesquisa sobre o Uso das Tecnologias de Informação e Comunicação nas Escolas Brasileiras 2014. Disponível em: <http://cetic.br/pesquisa/educacao/> acesso 09 Set 2015

CRUZ, D. M. Letramento midiático na educação a distância. *Educação a distância: meios, atores e processos*. 1ed. Belo Horizonte: CAED UFMG, 2013, v. 1, p. 85-93.

LEMKE, Jay L. Letramento metamidiático: transformando significados e mídias. *Trab. linguist. apl.*, Campinas, v. 49, n. 2, Dec. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tla/v49n2/09.pdf> acesso 09 Set 2015.

MARIANI, A. C. A estrutura do Moodle (apoio aos cursos presenciais). In: 2º. Seminário de pesquisa em EAD: experiências e reflexões sobre as relações entre ensino presencial e a distância. 2010, UFSC, Florianópolis. Disponível em <<http://ead.ufsc.br/files/2010/10/antonio-mariani.pdf>> Acesso em: 15 de jul. 2011

MORAN, J. M. Propostas de mudança nos cursos presenciais com a educação on-line. In: 11º Congresso Internacional de Educação a Distância, ABED, Associação Brasileira de Educação a Distância. 2004, Salvador. Disponível em: <http://www.ea.usp.br/prof/moran/propostas.htm> Acesso em 10 jul. 2011